

TRANSFORMAÇÃO
Revista de Filosofia
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Trans/Form/Ação

ISSN: 0101-3173

ISSN: 1980-539X

Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

Candiotto, Cesar

Entre erros férteis e verdades anódinas: sobre “Foucault, a arqueologia e as *palavras e as coisas*: cinquenta anos depois”, de Ivan Domingues
Trans/Form/Ação, vol. 46, núm. 4, 2023, Outubro-Dezembro, pp. 109-126
Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia

DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46n4.p109>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384275907009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

UNEM [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ENTRE ERROS FÉRTEIS E VERDADES ANÓDINAS: SOBRE “FOUCAULT, A ARQUEOLOGIA E AS PALAVRAS E AS COISAS: CINQUENTA ANOS DEPOIS”, DE IVAN DOMINGUES

Cesar Candiotto¹

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em tecer uma apreciação da recepção de *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, a partir do último livro de Ivan Domingues, intitulado “Foucault, a arqueologia e *As palavras e as coisas: cinquenta anos depois*” (Ed. UFMG, 2023). Um dos escopos do livro é examinar o alcance de *As palavras e as coisas* e sua estratégia arqueológica, para dar conta da apresentação do nascimento das ciências humanas, bem como de sua fragilidade e instabilidade, diante de uma possível mudança na disposição do saber, cujos sinais podem ser observados por ocasião do advento, no século XX, da psicanálise lacaniana, da etnologia e da linguística estrutural. Ao privilegiar suas repercussões, expansões e retificações, cinquenta anos depois, não se tem a pretensão de “corrigir” Foucault, em função de um olhar de epistemólogo, todavia, apontar a fertilidade e a potência de seu pensamento para a posteridade. Trata-se de trafegar entre “[...] erros férteis e verdades anódinas.” (DOMINGUES, 2020, p. 386). A aposta é que possíveis hiatos, erros ou confusões identificáveis pelo próprio Foucault e por seus críticos, à época, jamais invalidam a fertilidade de uma discussão acerca das ciências humanas, as quais nunca mais foram as mesmas depois dele.

Palavras-chave: Arqueologia do saber. Epistemologia. Michel Foucault. Ciências humanas. Antropologismo.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuro elaborar uma apreciação da recepção de *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, a partir do último livro de Ivan Domingues, intitulado “Foucault, a arqueologia e *As palavras e as coisas: cinquenta anos*

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR – Brasil.  <https://orcid.org/0000-0002-7172-4618>. E-mail: ccandiotto@gmail.com.

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46n4.p109>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

depois”. A primeira edição foi publicada na modalidade *e-book*, pela Editora UFMG, em 2020. Já a edição corrigida, ampliada e impressa acaba de ser lançada pela mesma editora, em 2023. Esse estudo é o desdobramento de minha participação no lançamento do livro, realizada de forma virtual, no momento da pandemia, em 2021. No ensejo, apresentei a versão em *e-book* ao público e interagi com o autor. O retorno a essa obra, desta vez, de maneira mais elaborada e para um público mais abrangente, busca incorporar novos elementos, observáveis no contexto especial do lançamento da edição impressa de 2023, além de repercutir suas principais hipóteses de trabalho, situando-a no âmbito da produção editorial póstuma dos ditos e escritos de Foucault.²

Neste estudo, em primeiro lugar, exponho um breve percurso dos principais desdobramentos da herança editorial de Michel Foucault, desde o projeto dos *Dits et écrits* até as principais publicações mais recentes, a fim de melhor situar a inserção da obra de Ivan Domingues. Em seguida, examino alguns meandros na percepção que o autor apresenta de Foucault, especialmente a de um camaleão filosófico que se esquia amiúde a quaisquer identificações com correntes filosóficas de sua época, definindo-se antes como um experimentador de diferentes exercícios do pensamento. Reforço que Domingues propõe um olhar diferente sobre *As palavras e as coisas*, propriamente um olhar de epistemólogo, o qual encontra lacunas, erros, ambiguidades, no escrito do intelectual francês, mas que reconhece na arqueologia um ensaio de método em relação ao qual a verdade científica não é o ponto de partida para a identificação dos erros do passado de um saber.

Sem a pretensão de esgotar os desdobramentos do livro, ressalto a relação estabelecida entre a crítica do antropologismo moderno e a emergência de outra disposição arqueológica caracterizada pelo desaparecimento do homem como ser finito e, ao mesmo tempo, fonte de representação. Nesse sentido, caberia perguntar se a provável mudança na disposição arqueológica decorrente do provável desaparecimento iminente do homem indica que estamos ainda *limiar* entre a episteme moderna e a contemporânea, ou se adentramos definitivamente na ordem do discurso que prescinde do sujeito da consciência.

² Agradeço a Carlos Rattón, pela transcrição de minha apresentação oral e tradução do *abstract*, e ao próprio Ivan Domingues, pelo convite a participar dessa celebração filosófica.

1 SÍNTESE DE UM LEGADO

Antes de adentrar-me nos caminhos percorridos por Domingues, para apontar as repercussões, retificações e expansões do livro *As palavras e as coisas*, escopo central de sua escolha metodológica, parece-me adequado situar os principais desdobramentos editoriais póstumos do espólio de Foucault e sua indução nas preferências pelo seu percurso investigativo, por parte dos pesquisadores e autores que debatem sua trajetória intelectual. Dessa maneira, além do nítido objetivo de ler e apreciar o livro de um amigo e filósofo brasileiro interessado na importância incontestada da obra magna de Foucault, tem-se também o fito de contemporaneizar o surgimento desse relevante livro, no contexto da produção editorial que cerca o nome Michel Foucault.

Nos últimos anos, o eminente professor do Collège de France, nascido em Poitiers, em 1926, e falecido em Paris, em 1984, tem sido mais estudado e debatido entre os pesquisadores brasileiros e estrangeiros, tendo-se em vista seus ditos e escritos dos anos 1970 e 1980 e, em menor medida, dos seus escritos nos anos 1960. Entretanto, muito já foi publicado sobre seus livros arqueológicos dessa década. Como Domingues ressalta, houve depois um certo “esfriamento” de reflexões centradas sobre os escritos arqueológicos, especialmente as repercussões do livro *As palavras e as coisas*. Essa preferência é compreensível, se for levada em conta a importância adquirida pela monumental publicação póstuma do pensador francês. A começar pela edição realizada por Daniel Defert e François Ewald, com a colaboração de Jacques Lagrange, dos *Dits et écrits*, em 1994, em quatro volumes, pela coleção Bibliothèque des Sciences Humaines, da Editora Gallimard, que reúne praticamente todos os trabalhos, conferências, artigos, manifestos, prefácios e posfácios de Foucault, reeditados em 2001, em dois volumes, pela Quarto/Gallimard.

Soma-se o projeto patrocinado pela Associação para o Centro Michel Foucault, dirigido por François Ewald e Alessandro Fontana, da publicação dos cursos no Collège de France, desde 1970 até 1984. A edição completa durou quase 20 anos, desde 1997 a 2015, e contou com a contribuição de diversos especialistas no pensamento do autor, os quais se debruçaram nas fitas cassete, CDs e manuscritos do espólio de Foucault. Em seguida, surge a coleção da Editora Vrin, “Foucault inédit: *Philosophie du présent*”, dirigida por Jean-François Braunstein, Arnold I. Davidson e Daniele Lorenzini, que, entre 2013 e 2019, publicou cinco volumes de diversas conferências de Foucault na

França, no Canadá e nos Estados Unidos.³ Nesse ínterim, é lançada ainda a edição, por Frédéric Gros, do livro inédito de Foucault, *Les aveux de la chair* (Paris: Gallimard, 2018), último volume da *Histoire de la sexualité*.

Em 2015, ano em que é editado o último curso no Collège de France, temos também a consagração de Foucault na coleção *Bibliothèque de la Pléiade*, com a publicação de *Michel Foucault. Oeuvres* (Paris: Gallimard, 2015), em dois tomos, sob a direção geral de Frédéric Gros. Em um formato de breviário cristão, com fitas amarelas para a marcação de suas finas páginas, encontramos a publicação completa de todos os seus livros em vida, precedidos de aparato crítico de vários especialistas, assim como notas, sendo que, no segundo volume, são acrescentados 12 artigos importantes do autor, entre 1963 e 1984.

Quando o livro de Domingues foi escrito e encaminhado para publicação, por ocasião da data comemorativa dos 50 anos de *Les mots et les choses*, ainda eram embrionários os primeiros resultados de outro projeto editorial sobre os escritos de Foucault, anteriores a seu ingresso no Collège de France, no final de 1970, aí incluídos os chamados cursos e escritos protoarqueológicos. É o caso da coleção *Cours et travaux de Michel Foucault avant le Collège de France*, uma coedição entre EHESS/Gallimard/Seuil, sob a responsabilidade de François Ewald, a qual conta, até o momento, com quatro volumes: *La Sexualité. Cours donné à l'université de Clermont-Ferrand (1964)* suivi de *Le Discours de la sexualité. Cours donné à l'université de Vincennes (1969)*, editado por Claude-Olivier Doron, em 2018; *Binswanger et l'analyse existentielle*, editado por Elisabetta Basso, em 2021; *Phénoménologie et Psychologie 1953/1954*, editado por Philippe Sabot, em 2021; *La question anthropologique. Cours. 1954-1955*, editado por Arianna Sforzini, em 2021. Estas três últimas publicações estão relacionadas a dois trabalhos dos anos 60, fundamentais para o livro de Domingues, sendo o primeiro deles publicado postumamente: trata-se da Tese Complementar de doutorado de Foucault, editada por François Ewald, Daniel Defert e Frédéric Gros, *Introduction à l'Anthropologie*. Paris: Vrin, 2008 (trad. brasileira de Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Muchail, *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*. São

³ São eles: *L'origine de l'herméneutique de soi*: conférences prononcées à Dartmouth College, 1980 (ed. Henri-Paul Fruchaud e Daniele Lorenzini. Paris: Vrin, 2013); *Qu'est-ce que la critique?* suivi de *La Culture de soi* (ed. Henri-Paul Fruchaud e Daniele Lorenzini. Paris: Vrin, 2015); *Discours et vérité précédé de La parrésia*. 1980 (ed. Henri-Paul Fruchaud e Daniele Lorenzini. Paris: Vrin, 2016); *Dire vrai sur soi-même*: Conférences prononcées à l'Université Victoria de Toronto, 1982 (ed. Henri-Paul Fruchaud e Daniele Lorenzini. Paris: Vrin, 2017); e *Folie, langage, littérature* (ed. Henri-Paul Fruchaud, Daniele Lorenzini e Judith Revel. Paris: Vrin, 2019).

Paulo: Loyola, 2011). O segundo, o objeto principal do livro aqui analisado, é justamente *Les mots et les choses*.

2 O CAMALEÃO FILOSÓFICO E SEU LIVRO BARROCO

O retrato que Ivan Domingues faz de Foucault e que chama a atenção é o de um camaleão filosófico, ou seja, um pensador de difícil apreensão e identificação, principalmente quando se esquivava em identificar-se com uma disciplina específica, tal como a filosofia (Foucault diz: “Eu não sou filósofo”), ou com uma corrente de pensamento que está na moda, no momento (Foucault reitera: “Eu não sou estruturalista.”). Esse retrato de Foucault como camaleão filosófico, não identificado com uma disciplina ou corrente de pensamento determinada, é valorizado por Domingues como a potência de seu pensamento, suas hipóteses se espraiando em diferentes domínios do saber e tendo sido efetivamente usado como caixa de ferramentas para diferentes áreas. Sobre esse ponto, tal postura está relacionada também a uma maneira de se posicionar de Foucault (1969, p. 28), quando escreve, por exemplo, em *A arqueologia do saber*: “[...] não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo [...]”. Ressalta ainda, nesse livro, que a exigência normalmente feita ao intelectual de permanecer sempre o mesmo, no sentido de ser reconhecido e identificado como “autor” de uma “obra”, faz parte de uma moral civil.

Esses contínuos deslocamentos laterais realizados por Foucault diante de uma identificação filosófica determinada demarcam uma caracterização que percorre todo o livro de Domingues. Isso se reflete também na forma como Foucault faz filosofia, ou seja, um saber não fechado em si mesmo, mostrando-se antes como uma reflexão que se abre a diversos campos, muitas vezes heterogêneos entre si. Destarte, a filosofia não tem outra razão de existir, na época contemporânea, na percepção de Foucault, a não ser posicionar-se como um sistema de pensamento. Não é por acaso que o título da Cátedra da qual passa a ser o titular, no início dos anos 1970, no Collège de France, se denomina “História dos sistemas de pensamento”, dando a entender que a filosofia denota uma maneira de pensar irmanada a outros saberes e não encapsulada em si mesma. Reside aí justamente a pertinência do livro de Domingues, quando se propõe ler e analisar o livro de Foucault, a partir da interlocução entre a filosofia e os saberes empíricos e sua confluência moderna nas chamadas ciências humanas, lembrando que o professor da

UFMG já publicou um trabalho importante sobre a filosofia e o problema da fundamentação das ciências humanas, em sua obra seminal, *O grau zero do conhecimento* (1991).

As palavras e as coisas tem sido uma obra debatida e citada com frequência, na recepção crítica brasileira, mas não com a mesma intensidade que *Vigiar e punir*. Não é o caso aqui de fazer uma revisão de todos os trabalhos que versam sobre o *Opus Magnum* de Foucault. Em sua incursão pelas ressonâncias contemporâneas de *As palavras e as coisas*, Domingues faz referência recorrente ao livro de Gary Gutting, *Michel Foucault's Archaeology of Scientific Reason* (1989), bem como ao artigo de Jean-François Braunstein, “Bachelard, Canguilhem et Foucault – le ‘style français’ en épistémologie” (editado por Pierre Wagner, *Les philosophes et la science*, Paris, Gallimard, 2002, p. 920-963). Lembra com frequência dos trabalhos de Roberto Machado, tais como *Ciência e saber – a trajetória da arqueologia de Foucault* (Graal, 1981) e *Foucault, a ciência e o saber* (Zahar, 2006), sem deixar de se referir a seu último livro em vida, *Impressões de Michel Foucault* (N-1, 2017).

Domingues realça, cita e comenta, em nota e no corpo do texto, também os últimos trabalhos de Philippe Sabot, especialmente o livro, *Lire Les mots et les choses*” (PUF, 2006), dedicado à segunda parte de *As palavras as coisas*. Ainda faz referência com frequência aos diversos trabalhos dedicados a esse livro de autoria de Salma Tannus Muchail, responsável pela primorosa tradução do livro, no Brasil pela Editora Martins Fontes. Portanto, contextualiza a obra com base em uma recepção crítica qualificada e atual, o que, por isso mesmo, justifica a importância incontestada de seu livro, especialmente para os leitores brasileiros.

As palavras e as coisas, como bem pontua Domingues, é uma obra permeada de polêmicas com o marxismo e sua relação com o existencialismo sartriano, mas também com a fenomenologia francesa, correntes nas quais Foucault foi formado à época, por meio de sua interação nos círculos de Jean Hyppolite, Maurice Merleau-Ponty e Louis Althusser. Porém, passada a polêmica nos circuitos filosóficos parisienses, o livro de 1966 resta um pouco na penumbra, nos anos 1970 e 1980, especialmente depois do aparecimento, em 1975, de *Vigiar e punir*, e dos três tomos de *História da sexualidade*, em 1976 e 1984.

Essa impressão de um certo esquecimento se deve também a seu efeito estetizante, um livro rebuscado, escrito com uma linguagem barroca e de

difícil apreensão, de onde o efeito paradoxal de seu sucesso de vendas, por ocasião das suas primeiras edições. Diz-se que os franceses liam *As palavras e as coisas*, na Riviera francesa, durante o verão de 1966. O texto que trata da “morte do homem” tornou-se uma espécie de desdobramento contemporâneo da crise de fundamento metafísico e do vazio deixado pela “morte de Deus”, o qual encontramos nos escritos novecentistas de Nietzsche. Contudo, a grande pergunta que pode ser feita é se as pessoas que liam efetivamente *As palavras e as coisas* entendiam a força e a potência desse livro, porque se trata também de um escrito, até certo ponto, enigmático,

[...] devido ao silêncio e ao véu de mistério que passou a cercar a obra, passada a onda estruturalista e findo o desconcerto que o seu lançamento provocou junto à intelectualidade francesa e parisiense. No início, açodada por um estado de confusão, em meio à polêmica e à novidade, e depois recolhida num estado de indiferença e desalento. (DOMINGUES, 2020, p. 27).

Mas também porque, muitas vezes, Foucault deixa o leitor “na mão”, como é o caso do conceito de disposição da *episteme* (DOMINGUES, 2020, p. 372), a qual não é nem ciência nem *doxa*, mas um sistema de saber.

3 CAMINHOS

Um dos aspectos a ser realçado no livro de Domingues é o caminho a partir do qual ele percorre o escrito de Foucault de 1966, de sorte a apontar suas repercussões, retificações e expansões. Não se trata de uma leitura exegética, no sentido de enfatizar uma via interpretativa internalista; privilegia, antes, a utilização de Foucault como inspiração, segundo pode ser identificado em outros de seus livros, tais como *O grau zero do conhecimento* (Loyola, 1991) e *O Continente e a Ilha: duas vias da filosofia contemporânea* (2. ed. Loyola, 2017). A questão de método é central, considerando que Foucault repete que seus trabalhos podem ser lidos como uma “caixa de ferramentas” (“*boîte à outils*”), sendo que, nela, outros pesquisadores podem encontrar ferramentas conceituais para problematizar o nascimento de outros objetos.

Domingues lê a repercussão do livro em função do confronto entre duas posições epistemológicas. De um lado, os expoentes da filosofia analítica – Austin, Searle, Chomsky e companhia, que fazem epistemologia e história da ciência a partir da lógica –; essa matriz anglo-saxã está particularmente

presente sobretudo no livro *A arqueologia do saber* (1969), de maneira explícita, bem como na forma como Foucault problematiza a questão do discurso, especialmente nos anos 1968 e 1969. E, de outro lado, temos os chamados filósofos continentais, com a ressalva de que, para o caso de Foucault, as referências são as que na França se encarregam da história da ciência, particularmente Bachelard, Cavallès, Canguilhem e Koyré, e a ênfase que eles, de diferentes modos, atribuem ao tripé saber, racionalidade e conceito.

Além dessas duas tradições que procedem da epistemologia, há uma outra muito presente no livro de Domingues, a saber, aquela que, em sua expressão francesa, se vale do método estrutural em diferentes campos do saber, como na análise da comunicação, da antropologia, da linguagem, da cibernética e em tantos outros domínios, envolvendo pensadores da alçada de Ferdinand Saussure, Claude Lévi-Strauss e até mesmo, nos Estados Unidos, Noam Chomsky. Em menor medida, comparecem nessa obra outros pensadores que também aplicam esse método ou dele se aproximam para outros propósitos, casos, por exemplo, de Althusser, Lacan e Barthes.

Concordo com Domingues que *As palavras e as coisas*, pelo amplo espectro de correntes e autores que movimenta, é um dos livros mais relevantes, não somente no cenário da Filosofia francesa contemporânea, mas também do Pensamento Contemporâneo. O autor faz jus à obra, à sua magnitude, à sua repercussão, ao chamá-la de *Opus Magnum* (DOMINGUES, 2020, p. 27).

4 O OLHAR DO EPISTEMÓLOGO

Outra escolha relevante do livro de Domingues é a seguinte: em vez de fazer a arqueologia da arqueologia do saber, o autor procura apontar as distâncias e as convergências entre epistemologia e arqueologia, em *As palavras e as coisas*. O ponto de partida dessa escolha é a conferência ministrada em Túnis, em 1968, intitulada “Linguística e Ciências Sociais”, publicada em 1969 e, mais tarde, recolhida nos *Dits et écrits* (FOUCAULT, 2001d, p. 849-870). Domingues insiste como, nessa conferência, se percebe que, ao retornar sobre o livro de 1966 e ao redimensionar a relação entre epistemologia e arqueologia, não é tanto uma distância nem mesmo uma sobreposição a que se observa entre elas, mas, sim, certa conjunção.

Se Foucault apresenta, no final de *As palavras e as coisas*, uma correlação arqueológica fundamental entre a psicanálise lacaniana, a etnologia

e a linguística estrutural, como sintoma do esgotamento do antropologismo que anima as ciências humanas; e se ele indica que a linguística estrutural atingiu o *limiar de formalização*, próprio de uma ciência constituída, sendo por isso regente de todas as demais contraciências; e, se, enfim, a articulação entre história diacrônica e sincronia estrutural anima a linguística, então a arqueologia do saber de Foucault poderia estar inspirada ou, no limite, apresentar-se como desdobramento de uma forma de ver a história dos saberes segundo a qual a diacronia é cruzada pela sincronia, ao modo de um lago cruzado por um rio, nele provocando deslocamentos e transformações.⁴

Se a linguística estrutural, segundo Foucault, ultrapassa seu limiar de formalização como condição para que possa ser considerada uma ciência; e se, na linguística estrutural, o que se tem não é somente formalização, mas também historicização, logo, o conceito de episteme, central em *As palavras e as coisas*, e outros conceitos, como *a priori histórico*, por exemplo, não deixam de estar inspirados nessa concepção que vem da linguística, denotando certa proximidade com esse saber que adquire seu estatuto de formalização. Essa poderia ser uma das hipóteses que justifica a aproximação feita por Domingues entre a arqueologia e a epistemologia, não sendo, contudo, a única.

Destaco que a intenção de Foucault, no livro *As palavras e as coisas*, jamais foi a de formalizar, mas justamente apresentar a possibilidade quase impossível, à época, de articulação entre episteme e história. Ao contrário dos pensamentos de Kant e Husserl, para os quais os *a priori* são sempre formais, Foucault, por sua vez, não dissocia estrutura e história, como indica a expressão *a priori histórico*. Pelo contrário, propõe pensar como, entre saberes, normalmente considerados heterogêneos entre si, os *a priori históricos* de cada um deles informam o feixe de relações de uma época, o qual Foucault chama de episteme, ou seja, a rede que ordena uma maneira de ser de saberes contemporâneos entre si. Assim é como essa rede, no Renascimento, é a Semelhança; na Idade Clássica, a Representação; e, na Modernidade, a História.

Essa possibilidade de articulação entre a estrutura formal do *a priori* e a história, conforme bem observa Domingues, se inspira, nos anos 1960, na linguística transformacional de Chomsky, nas teorias da comunicação e na cibernética, as quais abrem novos horizontes epistemológicos que permitem aquela articulação, dificilmente alcançável somente na acepção saussuriana da

⁴ “[...] a diacronia seria um rio que atravessa um lago, o lago da sincronia.” (FOUCAULT, *apud* DOMINGUES, 2020, p. 322).

linguística “estrutural”. A meu ver, em seu livro, mas também nas entrevistas que o seguem, Foucault procura se desfazer da ideia de que o histórico é somente constituído pela diacronia, sendo ele também identificável na sincronia acontecimental daquilo que organiza e ordena os diferentes saberes de um espaço epistêmico.

Domingues (2020, p. 374) utiliza o termo “competição” entre arqueologia e epistemologia, fazendo menção ao uso da noção de paradigma científico que Foucault realça, na Conferência de Túnis, o que significa que a episteme da arqueologia não estaria tão distante assim das ciências. Além disso, Domingues realiza outra observação a propósito dos saberes modernos: a biologia é um dos carros-chefes do livro de Foucault, quando se trata dos saberes empíricos e, portanto, trata-se de outra justificativa para apontar até que ponto o pensamento científico ou a perspectiva epistemológica do conhecimento científico está presente nesse livro. Em relação a essa observação, entendo que Foucault não vê na Biologia do século XIX o nascimento de uma ciência em face da História Natural; antes, sua apreensão como um saber que se entende ao lado de outros saberes empíricos – Economia Política e Filologia – constitutivos da episteme da História. A originalidade de Foucault parece ter sido pensar não propriamente a partir das ciências constituídas, porém, justamente nos limites da Representação, quando a vida, o trabalho e a linguagem demarcam o início de uma rede arqueológica na qual o finito se entende a partir dos próprios saberes empíricos.

Outro ponto importante a ser observado sobre a relação entre arqueologia e epistemologia é o escopo do livro, que consiste em examinar o alcance de uma arqueologia focada no nascimento das ciências humanas, ao mesmo tempo que Foucault quer realçar a fragilidade, a instabilidade do objeto sobre o qual essas ciências incidem. No fundo, ele não desenvolve uma arqueologia das ciências humanas para corroborar o estatuto de cientificidade dessas “ciências”. Muito pelo contrário, sua arqueologia pretende indicar que seu objeto, o homem, é um acontecimento instável na ordem do saber. E, portanto, se ele nasceu num determinado momento, no final do século XVIII, já na segunda metade do século XX, quando se antevê modificações na disposição dos saberes na rede arqueológica da História, ele está em vias de desaparecer.

Foucault não alude exatamente à morte do homem, em *As palavras e as coisas*, como repercute seu livro, nas entrevistas e resenhas. Antes, escreve que, diante de uma mudança na disposição do saber, o homem desapareceria

“[...] como um grão de areia, na orla do mar” (FOUCAULT, 1966, p. 398). O desaparecimento provável do homem é coetâneo de sua dispersão como sujeito da consciência, nos diferentes discursos e campos disciplinares das ciências humanas e sociais. Tal dispersão é fortemente enfatizada no Capítulo X de *As palavras e as coisas*, correspondente ao surgimento das chamadas contraciências, a saber, a etnologia, a linguística e a psicanálise lacaniana.

Reforço que Foucault bem poderia chamá-las de contrassaberes, porém, prefere caracterizá-las como contraciências, como se a dissolução do homem delas resultante fosse imanente àqueles saberes que quiseram, na Modernidade, se elevar ao estatuto de ciências. Para além do livro de Domingues, essa observação reforça, ainda mais, a tentativa de intersecção entre as perspectivas epistemológica e arqueológica da análise. Não é surpreendente que Domingues tente, do início ao fim de seu livro, estabelecer mais convergências do que divergências entre arqueologia e epistemologia, já que seu olhar sobre o livro é fundamentalmente o de um epistemólogo de formação (DOMINGUES, 2020, p. 20).

5 ARQUEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Domingues lança inicialmente um olhar contextual sobre *As palavras e as coisas*. Os primeiros dois capítulos são dedicados a essa leitura; em seguida, mergulha em uma perspectiva mais interna da obra de Foucault, nos Capítulos 3, 4 e 5 e parte do Capítulo 6; e, finalmente, uma mirada que privilegia *As palavras e as coisas* pela perspectiva do próprio Foucault – Capítulos 7 e 8. Não vou me prender aos detalhes de cada um desses capítulos, restringindo-me a alguns de seus pontos mais relevantes.

Um deles é o trabalho conceitual levado a cabo para explicar o que Foucault entende por arqueologia. Logo no Primeiro capítulo, “Foucault, a arqueologia e a escola epistemológica francesa”, Domingues ressalta que ela não remete à *arché* grega, no sentido de princípio, mas faz referência, antes, à ordenação dos arquivos empoeirados da história. Assim, também, a episteme não se refere evidentemente à epistemologia, como já frisava Canguilhem, no artigo publicado em 1967, na Revista *Critique*, intitulado “Mort de l’homme ou épuisement du Cogito?” Nele, o diretor de tese de Foucault adverte que a epistemologia não versa sobre a episteme das ciências ou sobre o *nous* platônico. Muito pelo contrário, é uma episteme entendida no sentido mais amplo, que inclui o saber comum.

Nesse capítulo de Domingues, encontramos ainda um debate acerca da caracterização “vaga” das ciências humanas, no livro de Foucault. A análise dos mitos é uma ciência humana, por exemplo? A sociologia é uma ciência humana ou uma ciência social? Foucault não se preocupa muito com essa pergunta. Já Domingues tenta estabelecer especificidades para delimitar melhor o que se entende por ciências humanas. Além disso, também faz questão de salientar que a noção de discurso está ausente em *As palavras e as coisas*, ao passo que se torna central, no livro *A arqueologia do saber* (1969) e em *A ordem do discurso* (1971). Enfatiza que essas estratégias fazem parte dos deslocamentos laterais de Foucault no próprio interior da arqueologia, primeiro problematizando a percepção do louco, depois o olhar médico, em seguida, o saber e a episteme e, finalmente, o discurso.

A cada livro escrito por Foucault o que se percebe não é tanto uma continuidade, todavia, certa singularidade, pois concebe a escritura enquanto uma experiência de transformação. No entanto, isso não significa que eles não possam ser articulados; mas, a meu ver, essa articulação é muito temerária, quando Foucault tenta justificar as escolhas de seus livros, nas páginas de uma obra posterior. Para além do capítulo de Domingues, desconfio particularmente que *A arqueologia do saber* e muitas de suas formulações possam ser as balizas para interpretar *As palavras e as coisas*, já que o livro de 1969 é muito mais uma “resposta” a questões que foram postas a Foucault e seu deslocamento rumo à relação entre as práticas discursivas e as práticas sociais, sobre a qual incidirão seus trabalhos nos anos 70.

6 A DIRECTION FOR THE USE: O PREFÁCIO À EDIÇÃO INGLESA

Um segundo ponto relevante se refere às escolhas metodológicas e bibliográficas. Em “*As palavras e as coisas*, a arqueologia e as ciências humanas”, título do segundo capítulo, Domingues recolhe não somente a tradição francesa e brasileira, nas publicações, como também torna o “Prefácio à edição inglesa”, de 1970, da editora londrina Tavistock, o carro-chefe de sua leitura. Ressalta que esse texto é um *direction for the use* (DOMINGUES, 2020, p. 76-79), ou seja, um parâmetro de como se pode ler *As palavras e as coisas*, que, na edição inglesa, é modificado por *The Order of Things*. Nesse capítulo, o autor enfatiza que *Arqueologia do saber* é o livro no qual Foucault sinaliza para o caráter epistemológico de *As Palavras e as coisas*. A partir dele é que Domingues mostra os dois eixos da filosofia contemporânea e seus tripés, sugeridos por Foucault.

O primeiro, chamado eixo epistemológico, formado pela consciência/conhecimento/ciência; e o segundo, eixo arqueológico, constituído pela prática discursiva/saber/ciência. No livro inteiro, Domingues tem em mente o cruzamento entre esses dois eixos, sempre sublinhando que jamais Foucault cede à tentação da consciência, do significado e do sentido, que parece ser o caso do tripé epistemológico do eixo 1; e que, pelo contrário, Foucault enfatiza o discurso dissociado do sujeito da consciência. Pode-se dizer, se sujeito há no eixo arqueológico, não é o sujeito transcendental, não é o sujeito metafísico, não é o sujeito fenomenológico, é o sujeito como efeito de uma prática discursiva. O cruzamento desses dois eixos é que anima o olhar retrospectivo que Domingues realiza sobre *As palavras e as coisas*, leitura que ele denomina epistemológica, diante de uma perspectiva que normalmente tende a ser somente arqueológica.

7 A RELAÇÃO COM A “TESE COMPLEMENTAR” DE DOUTORADO

Invoco um terceiro ponto relevante da obra, que é a relação estabelecida pelo autor, no Capítulo 6, entre *As palavras e as coisas* e a Tese Complementar de doutorado, defendida dia 20 de maio de 1961, na Sorbonne, sob a direção de Jean Hyppolite. Essa tese consistiu na tradução para o francês do texto de Kant, *Antropologia do ponto de vista pragmático*, assim como de uma “Introdução” de mais de 100 páginas. Domingues lamenta que, durante seus anos passados em Paris, por ocasião de seu doutorado, não tomou conhecimento do único exemplar da Tese Complementar depositado na Biblioteca da Sorbonne, porque a tradução da *Antropologia* foi publicada pela Editora Vrin, precedida de uma “Notice historique” de pouco mais de 4 páginas,⁵ em 1964, enquanto a “Introdução” só seria publicada bem mais tarde, em 2008.⁶

Na versão *e-book* de seu livro, que é de 2020, Domingues efetua uma relação mais sóbria e pontual sobre a articulação da Tese Complementar com *As palavras e as coisas*. Contudo, na edição impressa e ampliada, de 2023, escreve mais de 50 páginas a respeito, no Anexo: “Cap. 6 – A Episteme Moderna: Contrapontos. Notas Complementares sobre *As palavras e as Coisas* e a Questão Antropológica”. O Anexo, segundo me escreveu recentemente, foi resultando de uma construção difícil, que se apresenta em três camadas: 1) a Tese Complementar (*Introdução*); 2) *As palavras e as coisas*, especialmente os

⁵ KANT, I. *Anthropologie du point de vue pragmatique*. Tradução de Michel Foucault. Paris: Vrin, 1964.

⁶ FOUCAULT, M. *Introduction à l'Anthropologie de Kant*. Paris: Vrin, 2008. (FOUCAULT, M. *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Loyola, 2011).

capítulos XIX e XX; e 3) a *Antropologia*, de Kant, de sorte que o livro de 1966 aparece comprimido entre esses outros dois textos.

Outra peculiaridade do Anexo é a constatação de que Domingues reverte o vetor temporal que havia utilizado nos demais capítulos de seu livro, o qual se estendia, inicialmente, de 1966 a 1984. Agora, retrocede de 1966 a 1961, “[...] tendo como ponto de chegada ou limiar as duas teses de doutorado com as quais se iniciam a fase arqueológica do filósofo, na qual PC [As palavras e as coisas] está inscrita [...] deixando para trás a fase fenomenológica do jovem filósofo, quando Foucault não era ainda Foucault.”.

Em seu Capítulo 6, dedicado especialmente à relação entre o antropologismo moderno e a crítica arqueológica, Domingues analisa a relação capital entre a analítica da finitude e o seu desenvolvimento embrionário, na Tese Complementar. Enfatiza, de maneira aguda, uma diferença notável entre esses dois estratos de discurso: em 1961, Foucault não trabalha ainda com o conceito de episteme. Na Tese Complementar, o privilégio recai sobre a relação entre as três críticas, a *Antropologia* e o *Opus postumum*, do chinês de Konnigsberg.⁷ Nessa tese, Foucault não inclui Kant na “abertura” do antropologismo moderno, a partir das distinções críticas. Porém, salienta até que ponto o originário da *Antropologia* é um misto impuro do *a priori* das críticas, e do fundamental do *Opus postumum* (DOMINGUES, 2020, p. 250).

Já em *As palavras e as coisas*, Foucault escreve que Kant distingue entre o empírico e o transcendental, possibilitando a “abertura” dessas duas dimensões da analítica da finitude. Foucault vê nas distinções críticas kantianas um “índice” ou divisor de águas, Kant não fazendo parte das confusões entre o empírico e o transcendental que encontramos nos séculos XIX e XX no positivismo, na dialética e na fenomenologia. Na Tese Complementar, parece ser o *Übermensch*, de Nietzsche que teria liberado a Modernidade de seu sono antropológico. No livro de 1966, essa liberação está muito mais próxima da

⁷ Quando se trata de estabelecer a relação da *Antropologia* com as três *Críticas*, especialmente se a pergunta “O que é o homem?” repete ou não as conhecidas perguntas das três críticas, passagem que Foucault encontra na *Lógica*, fica evidenciado que sua referência – como a da maior parte dos foucaultianos – tem sido o confronto entre a pergunta antropológica e o sujeito de conhecimento. A partir de uma frequência de provas textuais extraída de termos do Index da tradução inglesa da *Antropologia*, Domingues tenta evidenciar, em seu Anexo ao Capítulo 6, que o grande mote do chinês de Königsberg, nesse livro mal enjambado, não era epistêmico, mas, antes, moral, não estando em jogo uma filosofia do conhecimento, contudo, uma filosofia moral ou uma filosofia prática. Essa descoberta, como é perceptível, desnuda outra leitura da *Antropologia* pouco explorada e que merece ser repercutida.

relação que Foucault estabelece entre o formal e o histórico, pela criação da arqueologia do saber. A noção de episteme e sua proximidade ao método estrutural, embora irreduzível a ele, pode ser considerada uma alternativa da época contemporânea ao moderno sono antropológico, no positivismo, na dialética e na fenomenologia.

Nesse sentido, pensar a história a partir das discontinuidades das epistemes e da sincronia entre os saberes de uma mesma época só é possível em função de uma arqueologia do saber; entretanto, essa arqueologia, por sua vez, somente encontra sua condição histórica de possibilidade nesse momento de esgotamento da episteme moderna e de abertura a uma nova disposição epistemológica, quiçá, a uma nova ordem, que é a do discurso. Resta a pergunta: tendo em vista que Foucault, em seus escritos posteriores, identifica o desaparecimento do sujeito da consciência com o surgimento da ordem do discurso, estaríamos ainda no *limiar* entre a episteme moderna e a contemporânea ou adentramos definitivamente na ordem do discurso?

8 FOUCAULT PAR LUI-MÊME

Outro ponto relevante a ser salientado no livro de Domingues, especialmente no Capítulo 7, é a retomada que Foucault faz de *As palavras e as coisas*, ainda nos anos 1960. Domingues segue um critério metodológico importante: não recolher tudo o que foi escrito nessa época e todas as críticas que foram feitas, mas realizar uma seleção de textos. O primeiro, de 1968, é o famoso “Foucault répond à Sartre”, publicado em *La Quinzaine littéraire*, reeditado nos *Dits et écrits I* (FOUCAULT, 2001a, p. 690-696). Outro texto é “Réponse à une question”, publicado na revista *Esprit*, em maio de 1968, também reeditado nos *Dits et écrits I* (FOUCAULT, 2001b, p. 701-723). Essa revista fez uma série de questões a Foucault, contudo, ele responde somente à última, sob a alegação: “[...] isso sim tem a ver com o meu trabalho”. O terceiro, proferido como conferência na Universidade de Túnis, em 1968, intitulado “Linguistique et sciences sociales”, publicado em 1969, na *Revue tunisienne de sciences sociales*, também reeditado em *Dits et écrits I* (FOUCAULT, 2001d, p.849-869).

A partir desses três textos, Domingues retrata um Foucault preocupado em “esclarecer” sua obra, nos meios intelectuais e midiáticos. O pensador francês recolhe as principais críticas que lhe foram dirigidas, retifica alguns aspectos que não considera mais adequados sobre a obra de 1966 e, acima

de tudo, *expande* os horizontes da arqueologia. Domingues utiliza tanto esse recorte bibliográfico extremamente cirúrgico, pontual e adequado, quanto uma seleção de textos nos quais Foucault se corrige e se desdiz, explicando melhor certas passagens, expandindo outras análises e retificando confusões e erros que ele mesmo observa. Ao mesmo tempo que Domingues privilegia posições de Foucault, no final dos anos 1960, sobre *As palavras e as coisas*, abre também novos horizontes de análise, sem se prender ao que ele “quis dizer” em um momento em que o “dito” já deixa de ser seu objeto de pensamento. Indica, assim, por que não devemos ser foucaultianos, ou seja, tomar seus livros como verdades ou certezas em relação às quais cumpriria defendê-las diante de quaisquer críticas e de forma extemporânea aos objetos que ele problematiza.

Vale ser destacado ainda o privilégio que Domingues atribui às manifestações mais tardias de Foucault sobre *As palavras e as coisas*, especialmente no capítulo 8: “*Foucault par lui-même*: esclarecimentos, expansões, retificações – fase genealógica.” Para tanto, elege dois textos fundamentais. Um deles é a famosa entrevista na revista *Il Contributo*, a qual ocorre em 1978 e é publicada somente em março de 1980. Trata-se de um longo diálogo que se chama *Conversazione con Michel Foucault*, reeditado em *Dits et écrits, II* (FOUCAULT, 2001e, p. 860-914), a partir do qual Domingues ressalta a posição de Foucault deveras singular: para seu autor, o livro é algo a ser experimentado, escrever é uma experimentação filosófica. Foucault justamente produz ficções heterotópicas, não está preocupado com a fidelidade a certas correntes ou conceitos; escreve, antes, para criar espaços outros.

O outro texto, objeto do capítulo 8, é a entrevista concedida a Gérard Raulet, publicada, em 1983, na Revista *Spuren* (“Um welchen Preis sagt die Vernunft die Wahrheit? Ein Gespräch mit Michel Foucault”), reeditada nos Estados Unidos na Revista *Telos*, na primavera de 1983, com o título “Structuralism and Poststructuralism”, e incluída nos *Dits et écrits II* (FOUCAULT, 2001f, p. 1250-1276). Nela, Foucault faz uma atualização de seu projeto filosófico, desde os escritos de juventude até o projeto da *História da sexualidade*, com a incursão especial por *As palavras e as coisas*. Domingues ressalta que esse livro sempre foi considerado marginal, quando Foucault fala *par lui-même*, uma obra fora da curva em relação às suas grandes preocupações a respeito da loucura, da sexualidade ou da criminalidade. Em razão de seu hermetismo, *As palavras e as coisas* pode ainda ser identificado como um livro marginal, posto que “[...] foi escrito para ‘chercheurs’.” (DOMINGUES, 2020,

p. 14). Contudo, cumpre observar que se trata de uma avaliação paradoxal, porque nada explica que um texto tão hermético tenha sido objeto da leitura de tantas pessoas comuns, naquele verão de 1966, nas praias da Riviera francesa.

Transcorridos mais de 50 anos de sua publicação, o livro *As palavras e as coisas* ainda é objeto de significativo interesse da recepção crítica, caso especial da obra de Ivan Domingues aqui examinada. Ciente de diversas incursões realizadas acerca do *Opus Magnum* de Michel Foucault, não tenho dúvidas de que estamos diante de um dos mais significativos esforços de análise crítica sobre a arqueologia do saber realizados no Brasil. Nada mais certo do que indicar “Foucault, a arqueologia e *As palavras e as coisas*: cinquenta anos depois” (2023) a todos os interessados na discussão acerca do nascimento das ciências humanas, dos limites e possibilidades do método arqueológico e na interpretação da leitura foucaultiana do sono antropológico moderno.

CANDIOTTO, C. Through fertile errors and anodyne truths: about the book by ivan domingues entitled “foucault, a arqueologia e as palavras e as coisas: cinquenta anos depois”. *Trans/form/ação*, Marília, v. 46, n. 4, p. 109-126, Out./Dez., 2023.

Abstract: The aim of this paper is to provide an appreciation of Michel Foucault’s *The Order of Things* reception, from the latest book by Ivan Domingues entitled “Foucault, a arqueologia e *As palavras e as coisas*: cinquenta anos depois” (Ed. UFMG, 2023). One of the scopes of the book is to examine the range of *The Order of Things* and its archaeological strategy to account for the presentation of the birth of human sciences, as well as its fragility and instability in the face of a possible change in the disposition of knowledge. Or Episteme’s disposition, according to Foucault terminology, whose signs of change can be observed on the occasion of the advent, in the twentieth century, of Lacanian psychoanalysis, ethnology and structural linguistics. By privileging its repercussions, expansions and rectifications fifty years later, it is not intended to “correct” Foucault from an epistemological point of view, but to point out the fertility and power of his thoughts for posterity. It is about going through “fertile errors and anodyne truths” (DOMINGUES, 2020, p. 386). The bet is that possible gaps, errors or confusions identifiable by Foucault himself and by his critics at the time never invalidate the fertility of a discussion-concerning human sciences, which were never the same after Foucault.

Keywords: Archeology of knowledge. Epistemology. Michel Foucault. Human sciences. Anthropologism.

REFERÊNCIAS

- BRAUNSTEIN, J.-F. Bachelard, Canguilhem et Foucault – le “style français” en épistémologie. *In*: WAGNER, P. **Les philosophes et la science**. Paris: Gallimard, 2002. p. 920-963.
- CANGUILHEM, G. (org.). Mort de l’homme ou épuisement du Cogito? **Critique**, n. 242, p. 599-618, juil. 1967.
- DOMINGUES, I. **O grau zero do conhecimento**. São Paulo: Loyola, 1991.
- DOMINGUES, I. **O Continente e a Ilha**: duas vias da filosofia contemporânea. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2017.
- DOMINGUES, I. **Foucault, a arqueologia e As palavras e as coisas**: cinquenta anos depois. Belo Horizonte: UFMG, 2020 (Edição *e-book*).
- DOMINGUES, I. **Foucault, a arqueologia e As palavras e as coisas**: cinquenta anos depois. Edição revista e ampliada. Belo Horizonte: UFMG, 2023.
- FOUCAULT, M. **Les Mots et les choses**: une archéologie des Sciences Humaines. Paris: Gallimard, 1966.
- FOUCAULT, M. **L’archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- FOUCAULT, M. Foucault répond à Sartre. *In*: FOUCAULT, M. **Dits et écrits, I**. Paris : Quarto/Gallimard, 2001a. p. 690-696.
- FOUCAULT, M. Réponse à une question. *In*: FOUCAULT, M. **Dits et écrits, I**. Paris: Quarto/Gallimard, 2001b. p. 701-723.
- FOUCAULT, M. Sur l’archéologie des sciences. Réponse au Cercle d’épistémologie. *In*: FOUCAULT, M. **Dits et écrits, I**. Paris : Quarto/Gallimard, 2001c. p.724-759.
- FOUCAULT, M. Linguistique et science sociales. *In*: FOUCAULT, M. **Dits et écrits, I**. Paris : Quarto/Gallimard, 2001d. p. 849-870.
- FOUCAULT, M. Conversazione con Michel Foucault. *In*: FOUCAULT, M. **Dits et écrits, II**. Paris: Quarto/Gallimard, 2001e. p. 860-914.
- FOUCAULT, M. Structuralism and Poststructuralism. *In*: FOUCAULT, M. **Dits et écrits, II**. Paris: Quarto/Gallimard, 2001f. p. 1250-1276.
- GUTTING, G. **Michel Foucault’s Archaeology of Scientific Reason**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- MACHADO, R. **Ciência e saber** – a trajetória da arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Recebido: 21/02/2023

Aprovado: 29/03/2023